



RESENHA:

MACHACEK, Gregory. *Milton and Homer: “Written to Aftertimes”*. Pittsburgh: Duquesne University Press, 2011.

Vanessa do Carmo Abreu¹

Gregory Machacek é professor no Marist College (Poughkeepsie, New York), onde leciona literatura inglesa moderna e literatura grega e romana. Foi membro fundador do comitê executivo da Milton Society of America e publicou ensaios em *Milton Quarterly*, *American Journal of Philology* e *PMLA*.

Em *Milton and Homer: “Written to Aftertimes”*, fruto de sua Tese, Machacek defende que os épicos homéricos forneceram a Milton uma base fundamental para seu *Paradise Lost* (1674), servindo-lhe não apenas como modelo de composição, mas como fonte de inspiração que o leva a produzir uma obra representativa para além de seu tempo, constituindo-se como autoridade e cânone. O livro apresenta, em linhas gerais, como se dá o processo de formação do cânone literário, retomando perspectivas defendidas por estudiosos como Harold Bloom, Barbara Herrnstein Smith e John Guillory, entre outros. Machacek analisa trechos de escritos em prosa de Milton, nos quais muitas vezes são declaradas as suas aspirações literárias, excertos de sua obra poética e, ainda, as circunstâncias de sua produção.

No capítulo introdutório, Machacek declara:

“I argue that Milton’s attempt to produce what we today call a canonical work of literature was influenced by the way in which the Homeric epics

¹ Mestranda do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PIPGLA) da UFRJ. Bolsista CAPES.

were being canonically reproduced within early modern European culture”².

O autor dá continuidade à sua argumentação, refletindo minuciosamente sobre o conceito de *alusão*, muito constante nas discussões acerca da intertextualidade e da “influência” de um autor ou de uma obra sobre outra(s) obra(s) posterior(es). Machacek acrescenta, ainda, que o livro possui dois objetivos complementares: (1) com base em um maior entendimento do fenômeno da alusão, obter uma análise acurada da relação entre Milton e Homero; (2) a partir dessa análise, refinar o entendimento da natureza da alusão (p. 7). Assim, a teoria contribuiria para a análise, ao passo que a análise traria nova luz à teoria.

O capítulo 1 é dedicado à discussão do conceito de alusão, no qual o autor apresenta diferentes definições, propostas ao longo dos tempos (estruturalismo, pós-estruturalismo, entre outras correntes) e discute questões concernentes ao campo dos estudos sobre o cânone literário. Outros conceitos complementares àquele de ‘alusão’, como o de ‘intertextualidade’ — em que pesam os estudos de Julia Kristeva, sobretudo —, ‘eco’ e ‘adaptação’, contribuem para uma diferenciação e especificação do termo. O autor também aponta, nesse primeiro capítulo, as funções e os efeitos da alusão em uma obra literária (p. 36).

No capítulo 2, são estudadas passagens de *Paradise Lost* que, de acordo com a proposta de Machacek, encerram a ‘porção homérica mais explícita’: as que versam sobre a guerra no céu, presentes nos livros 5 e 6 do poema. São apresentadas leituras críticas propostas para esse episódio, sobretudo a prevalente em muitos estudos, que o tomam como um “épico burlesco” (*mock-epic*), uma vez que satirizaria valores épicos tradicionais de proeza marcial e heroísmo. Para Machacek, o episódio da guerra no céu apresenta a épica homérica de maneira duplamente reverente e satírica (“*epic and mock-epic*”, p. 60),

² “Eu defendo que o esforço de Milton ao escrever o que hoje chamamos de uma obra canônica de literatura foi influenciado pela maneira com que os épicos homéricos foram sendo canonicamente reproduzidos nos primórdios da cultura europeia moderna” (Machacek, 2011, p. 2). São nossas as traduções dessa e das demais citações do inglês.

compelindo o leitor a uma análise crítica dos valores e virtudes, um exercício proporcionado, em grande medida, por meio das alusões (p. 73).

No capítulo 3, Machacek discute a formação do que se chamaria ‘épica cristã’, tema diretamente relacionado aos estudos sobre a noção de cânone, e suas implicações para os renascentistas, com ênfase no problema de se produzir uma obra nos moldes clássicos — pagãos —, para ser creditada como ‘épica’, mas ao mesmo tempo de acordo com as convenções e valores morais cristãos. Na visão de teóricos como John Steadman e Judith Kates, Milton “soluciona” esse problema, associando o material épico tradicional a personagens “condenados” em seu poema (a exemplo de Satã e seus “filhos”, Pecado e Morte): “The inclusion of such material makes the poem epic, its condemnation makes the poem Christian”³.

Machacek aponta fragilidades nessa proposição, uma vez que, em *Paradise Lost*, não apenas personagens “decaídos” — como Satã, Pecado e Morte — são associados a personagens da tradição, como também aqueles “virtuosos” — como Adão e Eva, antes da queda — têm características de personagens das épicas clássicas. No entanto, o autor defende que o título de “épico cristão” pode ser aplicado ao poema, uma vez que Milton, por meio de suas alusões às épicas antigas, presentes não apenas nos episódios referentes à queda ou a personagens decaídos, mas em todo o poema, fornece possibilidade de reinterpretação e reformulação do próprio conceito de ‘épico’, associando-o, também, ao cristianismo.

No capítulo 4, Machacek dedica-se ao conceito de originalidade e sua relação com o cânone. O autor argumenta que, à época de Milton, a questão da originalidade era assunto controverso e passava por mudanças em sua concepção, estando o próprio Milton interessado no problema da origem, manifestado tanto através de seus escritos em prosa quanto em sua poesia. *Paradise Lost* apresenta questões complexas concernentes à origem — o problema da origem binária do pecado, principalmente, entendida não como um evento, mas uma conjunção de ato e repetição: o pecado original é formado por duas transgressões, o ato de comer o fruto proibido por parte de Eva e sua repetição por Adão.

³ “A inclusão de tal material torna o poema épico; a sua condenação o torna cristão” (Machacek, 2011, p. 77).

Poder-se-ia acrescentar aqui, também, a polêmica em torno de Satã, que se considera autogerado e não criação de Deus.

A proposta de Machacek é a de que Milton reconhecia, ao tempo da composição de *Paradise Lost*, a relevância do termo ‘original’:

In this chapter, I argue that Milton anticipated the role that the term *original* would play in the canonization of his epic, and that he did so in part by observing the way in which Homer’s epics were being canonically reproduced in his own day. I argue further that Milton’s conception of originality — developed at a time when the word *original* was undergoing a semantic shift, and participating in both the established and emerging senses of the term — might help us better conceptualize the position Milton saw his epic as inhabiting the epic tradition⁴.

Assim, segundo Machacek, Milton almejava se tornar parte do cânone, ou da tradição épica, lançando mão, para tanto, de seu profundo conhecimento e manejo dos instrumentos, tanto as convenções existentes quanto as emergentes, tendo Homero — e toda a tradição em torno desse nome — por modelo.

O capítulo 5 trata do *sublime* em *Paradise Lost*, tomado como “mecanismo discursivo primário” pelo qual o poema veio a se tornar parte do cânone ocidental. Em 1674, ano da morte de Milton, Nicolas Boileau publicou uma tradução do tratado de Pseudo-Longino, Περὶ ὑψους (*Do sublime*), além de sua *Arte Poética*, na qual teorizou também sobre o sublime, sendo ambos considerados os precursores da crítica em torno dessa temática na França e na Inglaterra do XVII.

De acordo com Machacek, o poema de Milton, convenientemente, serviu de exemplo para suscitar as questões relativas ao sublime. Comentadores e críticos como Andrew Marvell (1674), Joseph Addison (1712) e Samuel Johnson (1779) atribuíram a característica da sublimidade a *Paradise Lost*. Segundo Machacek, a crítica, de modo geral,

⁴ “Neste capítulo, defendo que Milton antecipou o papel que o termo *original* desempenharia na canonização de seu épico, e que o fez, em parte, observando a maneira pela qual os épicos de Homero foram sendo canonicamente reproduzidos em sua própria época. Além disso, defendo que a concepção de originalidade de Milton — desenvolvida numa época em que a palavra *original* estava passando por uma mudança semântica, e participando de ambos os sentidos estabelecidos e emergentes do termo — poderia ajudar-nos a conceituar melhor a posição em que Milton viu seu épico como pertencente à tradição épica” (Machacek, 2011, p. 94).

não considera Milton um grande intérprete ou admirador de Longino, apesar de conhecer o tratado a ele atribuído e mesmo recomendar sua leitura em seu tratado *Of Education*. O autor segue em direção contrária a essa consideração, concordando com Annabel Patterson (1993), que afirma que Milton teve a “intenção” de que seu poema fosse lido como demonstração de temas e efeitos próprios do sublime, e propõe o exame dessa característica por meio das alusões que, segundo ele, transcendem suas fontes clássicas antigas à maneira postulada por Pseudo-Longino em sua obra (p. 123).

Primeiramente, Machacek analisa a referência a Longino em *Of Education* (1644), de Milton, e conclui que

Longinus’s name falling precisely at the pivot point in Milton’s treatise between rhetoric and poetics represents an anticipation of the theoretical innovation with which Boileau is credited, that of treating *Peri Hupsous* as an aesthetic treatise rather than a merely rhetorical handbook⁵.

De certa forma, Machacek reitera que Milton antecipa a crítica a respeito do sublime, tanto em seu poema quanto em termos de teoria poética. Até que ponto essa assertiva pode soar pretensiosa é difícil precisar, uma vez que requer uma leitura mais aprofundada dos escritos de Milton, de Boileau e de Longino. Mas, ao se considerarem as argumentações de Machacek, é possível estabelecer uma relação entre os postulados assentes nesses escritos teóricos, que serviriam como um ponto de partida para investigações acerca do sublime em *Paradise Lost*.

Machacek, em seus dois últimos capítulos, propõe que a mudança na escolha de gênero operada por Milton — seu projeto inicial de escrever um texto trágico (na década de 1640) e a posterior eleição do épico (na década de 1650), dando origem a *Paradise Lost* — é um indício de seus ideais canônicos e de suas concepções institucionais. Milton, de acordo com Machacek, deliberadamente optou pelo que julgaria como o melhor gênero e o melhor meio institucional pelo qual sua obra viesse a obter *status* canônico. De acordo com o estudioso,

⁵ “O nome de Longino, que recai precisamente no ponto central do tratado de Milton entre retórica e poética, representa uma antecipação da inovação teórica com a qual Boileau é creditado, a de entender o *Peri Hupsous* como um tratado estético e não como um manual meramente retórico” (Machacek, 2011, p. 125).

Milton seems intuitively to have understood the principle of canon formation Guillory describes: that, if his work were to survive, it would only be because some institution undertook to introduce it to successive generations of readers. What that institution should be was not immediately clear, and this ambiguity explains the uncertainty revealed in *The Reason of Church Government* regarding the genre in which he should compose. But over time Milton came to believe that academic institutions could be entrusted with the task of perpetuating a vernacular epic, and his generic indecision was resolved once he could imagine such institutions undertaking to perpetuate his literary work.⁶

O sexto capítulo trata, assim, do processo de descoberta de Milton das instituições acadêmicas como aquelas que tinham maior possibilidade de garantir a sobrevivência de sua obra, como exemplar instrutivo a uma nação, particularmente nos ambientes que se tornariam tradicionais quanto a esse fim (as escolas e universidades) e onde poderia obter, por gerações sucessivas de leitores de *Paradise Lost*, seu reconhecimento como “verdadeiro poema épico” (p. 153).

Em sua conclusão (último capítulo do livro), Machacek retoma os principais temas abordados e estudados ao longo dos capítulos anteriores e ressalta o que seria, segundo ele, um dos aspectos mais fundamentais da relação entre Milton, Homero e a questão do cânone: o fato de o poeta de Londres ter, em sua obra, considerado o receptor-leitor. Segundo Machacek, *Paradise Lost* é uma obra que convida seus leitores a uma constante reflexão sobre sua própria natureza poética, por meio de seus quatro proêmios: “They invite the reader into the very activity — judging, evaluating, prioritizing — by which the literary canon is established”⁷.

⁶ “Milton parece ter intuitivamente compreendido o princípio da formação do cânone que Guillory descreve: que, se fosse para o seu trabalho sobreviver, seria apenas porque alguma instituição se comprometeu a apresentá-lo a sucessivas gerações de leitores. O que poderia ser essa instituição não ficou imediatamente claro, e essa ambiguidade explica a incerteza revelada em *A Razão de um Governo Eclesiástico* quanto ao gênero em que ele deveria compor. Mas, ao longo do tempo, Milton chegou a acreditar que às instituições acadêmicas poderiam ser confiadas a tarefa de perpetuar um épico vernacular, e sua indecisão quanto ao gênero foi resolvida, uma vez que ele pôde imaginar que tais instituições se comprometeriam a perpetuar sua obra literária” (Machacek, 2011, p. 138).

⁷ “Eles [os proêmios] convidam o leitor à verdadeira atividade — julgar, avaliar, priorizar — pela qual o cânone literário é estabelecido” (Machacek, 2011, p. 162).

O livro traz, ainda, um apêndice analítico, intitulado “Milton’s Homer”, que se constitui, basicamente, de um relato dos esforços empreendidos pelo autor para encontrar evidências de qual edição de Homero Milton teria se valido como referência. O autor adianta que não foi possível chegar a uma conclusão satisfatória a esse respeito, mas apresenta-nos os passos de sua busca. Conquanto não tenha alcançado plenamente seu objetivo principal, suas colocações servem para (1) esclarecer e desmistificar algumas possíveis “soluções” defendidas por miltonianos e, ao fazê-lo, (2) deixar, talvez, alguma trilha para futuras (e melhor sucedidas) pesquisas quanto a esse aspecto.

Cumpra-nos apresentar aqui breves comentários feitos à obra de Machacek por dois estudiosos da recepção dos clássicos antigos na literatura inglesa. Charles Martindale, em sua resenha publicada em novembro de 2012, no periódico *English Studies*⁸, elenca alguns erros e acertos da proposta de Machacek. O autor argumenta, entre outros aspectos, que Machacek não chega a cumprir propriamente o que promete em sua introdução, não apresentando um estudo mais aprofundado e sistemático da relação entre Milton e Homero, o que seria necessário. Entretanto, em na análise de Martindale, o estudo de Machacek é proveitoso, no que concerne às diferentes leituras apresentadas e comentadas (desde as mais antigas até as modernas) do texto de Milton e às questões por ele apontadas.

Em sua resenha de *Milton and Homer: “written to aftertimes”*, publicada em novembro de 2013 em *Modern Philology*⁹, Martin Mueller também faz objeções ao estudo de Machacek, ressaltando, sobretudo, o fato de ser ele excessivamente “alusivo” a textos clássicos, o que dificultaria a leitura, por exemplo, para aqueles não tão familiarizados com os textos antigos, pressupondo-se acurado conhecimento prévio. Mueller também destaca que, ao defender Homero como referência mais importante para Milton do que Virgílio, Machacek o faz menos com relação às escolhas de Milton do que com a recepção de seus leitores. De fato, boa parte do estudo de Machacek se volta para a fortuna crítica de Milton, mais do que propriamente à sua obra, o que, de modo algum, é fator de desmotivação para a

⁸ Gregory Machacek, *Milton and Homer: “Written to Aftertimes”*. Review by: Charles Martindale. *English Studies*, Nov 2012, Vol. 63, Issue 262, pp. 853-855.

⁹ Gregory Machacek, *Milton and Homer: “Written to Aftertimes”*. Review by: Martin Mueller. *Modern Philology*, Nov 2013, Vol. 111, No. 2, pp. E209-E212.

sua leitura, uma vez que as indicações bibliográficas pontuais, cada uma delas comentadas, podem servir de guias de leitura e busca dos textos referidos, sempre que necessário.

Milton and Homer: “written to aftertimes” fornece-nos uma boa contribuição para os estudos sobre a noção de cânone literário e, mais especificamente, para a análise das relações que guarda Milton com seus precursores épicos. O estudo contribui, também, para uma compreensão mais aprofundada de conceitos como o de alusão e intertextualidade, tão importantes e em voga nas pesquisas de literatura comparada e de teoria da recepção.

Recebido em Julho de 2016
Aprovado em Setembro de 2016

